

RESUMO - CIÊNCIAS HUMANAS - EDUCAÇÃO

**IMPORTÂNCIA POLÍTICO, SOCIAL E PEDAGÓGICA DAS PARADAS
LGBTQIAPNB+: DE STONEWALL À UFRRJ, DE MARSHA P. JOHNSON À
NATASHA FERRARI**

Julio Cesar Garcia De Oliveira (JULIOCESARGOLI@UFRRJ.BR)

Ayoluwa Niara Ramos De Figueiredo (ayoluwafigueiredo@gmail.com)

As Paradas do Orgulho LGBTQIAPNB+ são manifestações político-sociais que, desde a Revolta de Stonewall (1969), se consolidaram como estratégias de resistência, visibilidade e transformação social. Mais do que eventos festivos, essas paradas constituem um espaço público de afirmação e disputa simbólica, no qual se reivindicam direitos, políticas públicas e a dignidade de existências dissidentes. Protagonizadas por sujeitos historicamente marginalizados — como Marsha P. Johnson, travesti preta e ativista que esteve na linha de frente de Stonewall —, essas ações reafirmam o valor político de corpos dissidentes em contextos marcados pela cisheteronormatividade. No Brasil, esse legado se atualiza em diferentes territórios, como na realização da Parada LGBTQIAPNB+ da UFRRJ, em 2023 e 2024, articulada pelo Coletivo Madame em parceria com a Comissão de Políticas para Inclusão e Diversidade da UFRRJ e a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAES). Essa iniciativa homenageia a trajetória e a luta do Movimento LGBTQIAPNB+ na Universidade, simbolizada em Natasha Ferrari, travesti negra e estudante da Rural, cuja história marcou a luta por visibilidade, permanência e políticas afirmativas no ambiente acadêmico, tornando-se um marco de resistência e memória institucional.

O objetivo deste trabalho é analisar a importância política, social e pedagógica das Paradas LGBTQIAPNB+ como ferramentas de reivindicação de direitos e afirmação de existência, conectando os marcos históricos de Stonewall e a luta estudantil na UFRRJ. A metodologia adotada é qualitativa, baseada em pesquisa bibliográfica, análise de documentos institucionais sobre diversidade e inclusão e diálogo com produções teóricas interseccionais que tratam das dimensões pedagógicas e políticas dessas práticas coletivas.

Autores como Judith Butler (2003), Bell Hooks (2013), Paul B. Preciado (2018), Jaqueline Gomes de Jesus (2016) e Renan Quinalha (2021) fundamentam a análise sobre performatividade, corpo dissidente e memória como instrumento político. A partir dessa base teórica, compreende-se que a Parada da UFRRJ é mais do que celebração: trata-se de uma prática pedagógica insurgente que tensiona a estrutura universitária, constrói novos sentidos de pertencimento e afirma o direito de existir em espaços historicamente excludentes. Além disso, evidencia o papel das universidades públicas na promoção de políticas afirmativas e de ambientes mais inclusivos para estudantes LGBTQIAPNB+, consolidando a educação como prática de liberdade e cidadania.

Conclui-se que as Paradas LGBTQIAPNB+ operam como tecnologias coletivas de resistência e reinvenção social. A partir da articulação simbólica entre Marsha P. Johnson e Natasha Ferrari, compreende-se que essas manifestações, quando enraizadas nos territórios, tornam-se fundamentais para transformar não apenas instituições, mas também imaginários políticos e pedagógicos em direção à justiça social e à cidadania plena. Ao mesmo tempo, fortalecem redes de apoio, criam novas narrativas de pertencimento e formam um repertório pedagógico insurgente que contribui para ampliar as discussões sobre diversidade, direitos humanos e democracia no contexto universitário e para além dele.

1. BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
2. HOOKS, Bell. Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
3. PRECIADO, Paul B. Um Apartamento em Urano: Crônicas da Travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
4. JESUS, Jaqueline Gomes de. Transfeminismo. Rio de Janeiro: Metanoia, 2016.

5. QUINALHA, Renan. *Contra a Moral e os Bons Costumes: A Ditadura e a Repressão à Comunidade LGBT*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Palavras-chave: resistência; corpo dissidente; cidadania plena; memória política; educação emancipatória.